

Consumo de plantas medicinais e fitoterápicos no Brasil: perfil de consumidores e sua relação com a pandemia de COVID-19

Consumption of medicinal plants and herbal medicines in Brazil: consumer profile and its relationship with the COVID-19 pandemic

DOI:10.34119/bjhrv4n1-303

Recebimento dos originais: 12/01/2021

Aceitação para publicação: 18/02/2021

Joelma Correia Beraldo Braga

Mestre em Alimentos e Nutrição

Instituição: FEA/UNICAMP

Endereço completo: Rua Monteiro Lobato, 80 – CEP 13083-862, Cidade Universitária “Zeferino Vaz”, Barão Geraldo, Campinas-SP

E-mail: joelmaberaldo@yahoo.com.br

Luan Ramos da Silva

Mestre em Ciência e Tecnologia de Alimentos

Instituição: FEA/UNICAMP

Endereço: Rua Monteiro Lobato, 80 – CEP 13083-862, Cidade Universitária “Zeferino Vaz”, Barão Geraldo, Campinas-SP

E-mail: luanramosea@gmail.com

RESUMO

As plantas medicinais são utilizadas para o tratamento, cura e prevenção de doenças. Podem ser utilizadas de forma isolada ou ainda como matéria prima para síntese de fármacos ou fitoterápicos. A pandemia causada pelos vírus SARS-COV 2 que leva a doença COVID-19, ameaça a população atualmente, e a preocupação com a imunidade tem sido constante para evitar os danos causados pela doença e sua letalidade. Diante disto, o objetivo deste trabalho foi determinar o perfil de consumidores de plantas medicinais e fitoterápicos no Brasil e sua relação com a pandemia de COVID-19. Para determinar a utilização foi desenvolvida uma pesquisa de natureza qualitativa, do tipo exploratória. Das 151 respostas obtidas os resultados apresentados foram 90,1% e 50,3% afirmam consumir plantas medicinais e fitoterápicos, respectivamente. Sendo que durante a pandemia houve um aumento nestes consumo em 27% para plantas medicinais e em 21,9% para fitoterápicos. Dentre as plantas medicinais foram listadas 77 espécies, como: hortelã, camomila, gengibre, canela, alho e alecrim, entre outras, diversas destas plantas listadas encontram-se na Relação Nacional de Plantas Medicinais de Interesse ao SUS (RENISUS). Dentre os fitoterápicos citados houve diversos tipos como: xaropes, óleos, florais, extratos, cremes, tinturas e cápsulas. Além deste tópicos a pesquisa também buscou levantar dados referente a frequência de consumo, indicação, forma de aquisição além da influência da pandemia no consumo destes produtos.

Palavras-chave: Planta medicinais, fitoterapia, SARS-COV 2, estudo de consumidor, pesquisa qualitativa.

ABSTRACT

Medicinal plants are used for the treatment, cure and prevention of diseases. They can be used alone or as a raw material for the synthesis of drugs or phytotherapies. The pandemic caused by the SARS-COV 2 virus that leads to the disease COVID-19, threatens the population today, and the concern with immunity has been constant to avoid the damage caused by the disease and its lethality. In view of this, the objective of this study was to determine the profile of consumers of medicinal plants and herbal medicines in Brazil and their relationship with the pandemic of COVID-19. To determine the use, a qualitative research, of the exploratory type, was developed. Of the 151 responses obtained, the results presented were 90.1% and 50.3% claim to consume medicinal plants and herbal medicines, respectively. During the pandemic, consumption increased by 27% for medicinal plants and by 21.9% for herbal medicines. Among the medicinal plants, 77 species were listed, such as: mint, chamomile, ginger, cinnamon, garlic and rosemary, among others, several of these plants are listed in the National List of Medicinal Plants of Interest to SUS (RENISUS). Among the herbal medicines mentioned there were several types such as: syrups, oils, flowers, extracts, creams, tinctures and capsules. In addition to these topics, the survey also sought to gather data regarding the frequency of consumption, indication, form of acquisition, in addition to the influence of the pandemic on the consumption of these products.

Keywords: Medicinal plants, phytotherapy, SARS-COV 2, consumer study, qualitative research.

1 INTRODUÇÃO

A utilização de plantas com propriedades medicinais é uma das formas mais antigas da prática medicinal, sendo utilizada para o tratamento, cura e prevenção de doenças (QURESH et al., 2016; VEIGA JUNIOR; PINTO; MACIEL, 2005). Esta utilização antiga ocorre devido à busca constante de recursos naturais alternativos para melhoria da qualidade de vida. Empregando as plantas medicinais como matéria-prima para drogas e fitoterápicos ou como agentes terapêuticos isolados, em chás, macerados e cozimento (NUNES-PINHEIRO et al., 2003; BRASIL, 2006).

Na cultura popular a utilização de plantas medicinais é na forma de um remédio caseiro, cujo processamento e o preparo são feitos na própria casa. Estudos indicam que 80% da população mundial faz uso de algum tipo de planta em busca de alívio para sintomas ou dores, a utilização dá-se por ser de fácil acesso, baixo custo e por serem consideradas inofensivas por grande parte da população (ZENI et al, 2017).

A Índia e o Brasil estudam muito os efeitos benéficos da utilização de plantas medicinais, assim como seu mecanismo de ação, além disto o Brasil detém a maior parcela da biodiversidade, em torno de 15 a 20% do total mundial (BRASIL, 2006; BRUNING; MOSEGUI; VIANNA, 2012). Com isso, em 2009, foi elaborada a Lista

Nacional de Plantas Medicinais, que apresenta diversas plantas medicinais com potencial de geração de produtos de interesse ao Sistema Único de Saúde Brasileiro (SUS) (RENISUS, 2009), e desta forma potencializando a importância e os investimentos em pesquisas nesta área.

Dentre as propriedades biológicas das plantas medicinais e dos fitoterápicos estão as de estimular as reações do sistema imune, entre elas, ações imunomoduladoras, conferindo um aumento da resposta imunológica do indivíduo. A ação imunomoduladora que pode aumentar os mecanismos de defesa do hospedeiro são chamadas de imunostimulantes e estimulam os mecanismos que envolvem tanto a imunidade inata quanto a imunidade adquirida, através da ativação de células e mediadores (NUNES-PINHEIRO et al., 2003).

Os seres humanos não possuem uma imunidade protetora, para o novo coronavírus SARS-CoV-2, que recebeu esta denominação por provocar no indivíduo uma síndrome respiratória aguda grave. Esse vírus é o causador da doença COVID-19, que ameaça milhões de pessoas e que gerou uma pandemia mundial, com início em 2019 até a atualidade (KHAN et al.; 2021).

O vírus, contagioso, quando no corpo do indivíduo é capaz de fugir das respostas imunes inatas, proliferar, sem impedimentos, principalmente nos tecidos infectados, levando a morte celular, subsequente resulta na liberação de partículas de vírus e componentes intracelulares para o espaço extracelular, que resultam no recrutamento de células imunes, na geração de complexos imunes e danos associados (FELSENSTEIN et al., 2020).

O COVID-19 está associado a 5,1% de mortalidade, porém taxas mais altas de letalidade ocorrem em idosos e em indivíduos que têm diabetes, comorbidades e outras causas de imunocomprometimento (SONG et al., 2020). Existem numerosos estudos buscando encontrar um tratamento efetivo para o COVID-19, através das vacinas, medicações existentes, composto sintéticos e também os compostos à base de plantas. Estudos já confirmam que há um papel de muitas plantas contra os vírus respiratórios quando empregados como extratos brutos ou seus ingredientes ativos na forma pura (KHAN et al., 2021).

Desta forma, o objetivo deste trabalho foi determinar o perfil de consumidores de plantas medicinais e fitoterápicos no Brasil e sua relação com a pandemia COVID-19.

2 MATERIAL E MÉTODOS

Para determinar a utilização de plantas medicinais e fitoterápicos foi desenvolvida uma pesquisa de natureza qualitativa, do tipo exploratória. Para isso, foi aplicado um questionário online para 151 pessoas em diversos lugares do Brasil, com questões abertas e fechadas sobre o consumo de plantas medicinais e fitoterápicos, antes e durante a pandemia.

O questionário foi dividido em três partes: i) levantamento do perfil de consumidoras/es, abordando gênero, idade, escolaridade, estado que reside, grupo familiar, estado civil, filhas/os e profissão; ii) consumo de plantas medicinais, abordando o uso destas espécies, a frequência de consumo, indicação para este uso, quais espécies utilizam, a forma de aquisição destas espécies, a forma de preparo e a influência da pandemia de COVID-19 no uso; iii) consumo de fitoterápicos, abordando o uso destes produtos, a frequência de consumo, indicação para este uso, quais fitoterápicos utilizam, a forma de aquisição destes produtos e a influência da pandemia de COVID-19 no uso.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na primeira etapa da pesquisa, foi feito um levantamento do perfil das pessoas. Das 151 respostas obtidas, 72,2% foram de mulheres, 27,2% de homens e 0,7% de pessoas não binárias, com idades entre 18 e 67 anos. Estas pessoas residem em 11 dos 26 estados brasileiros e no Distrito Federal, portanto podemos considerar representantes das cinco regiões do país. Com relação ao grupo familiar, haviam entrevistadas/os que residem sozinhas/os (12,6%), com mais uma (23,2%), duas (29,1%), três (20,5%) e quatro ou mais (14,6%) pessoas. Além disso, 41,1% se declara solteira/o, 55,7% casada/o ou união estável e 3,3% divorciada/o e 46,4% possuem filhas/os. Foi questionado sobre a escolaridade e obteve-se respostas de pessoas desde ensino fundamental completo até doutoras/es. Além de diversas profissões, com destaque para professoras/es e estudantes, que juntos somam 35,8%.

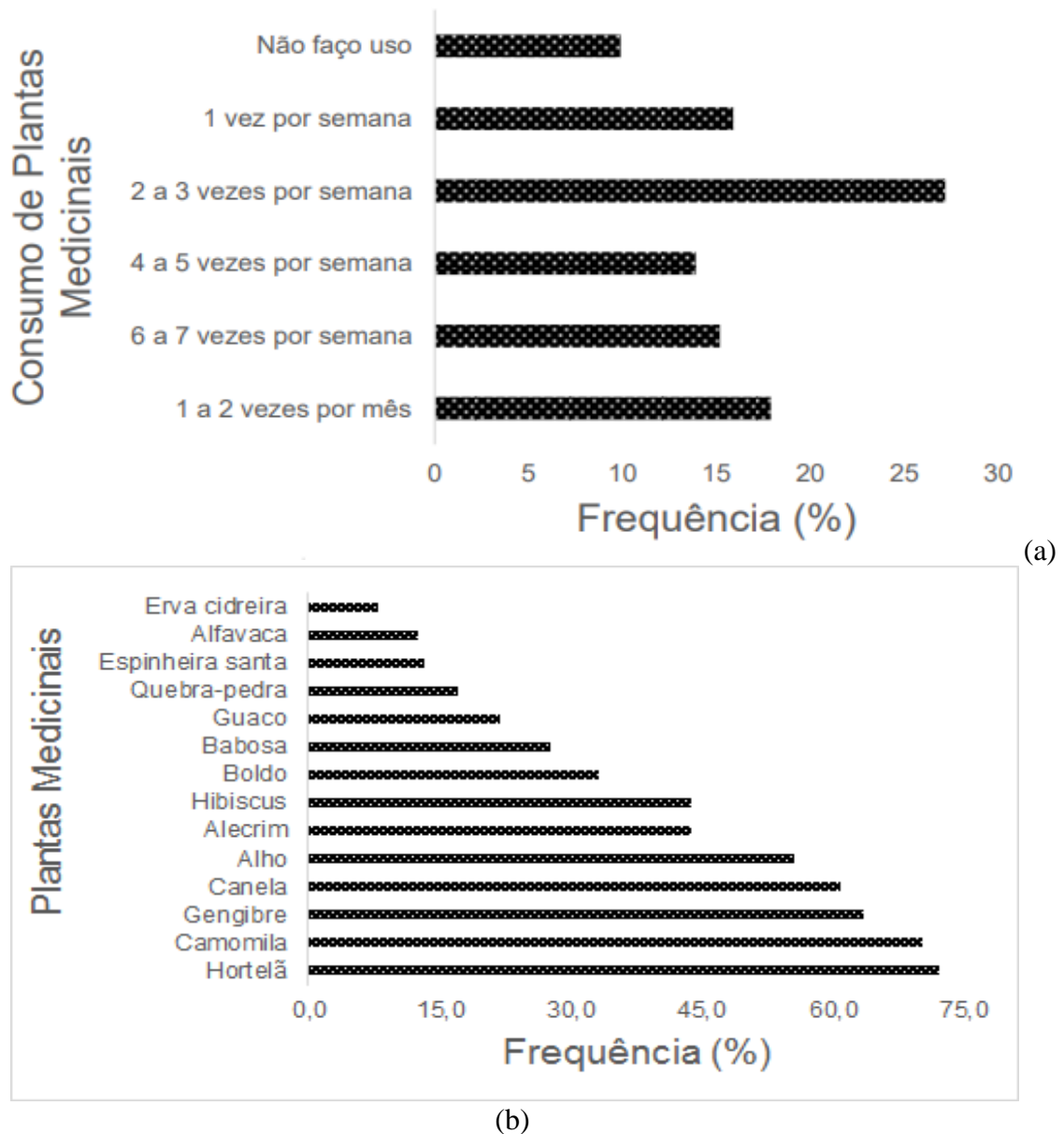
Das 151 respostas obtidas, 90,1% afirmaram utilizar plantas medicinais de alguma forma. Sendo que destas, 56,3% fazem o uso de plantas medicinais no mínimo 2 vezes por semana, isso enfatiza que há um hábito muito forte em utilizar este tipo de produto pela população (Figura 1a). Este hábito pode estar interligado com a indicação do uso de plantas medicinais, onde 47,0% consomem por indicação de amigos ou familiares, sendo possivelmente um conhecimento passado por gerações. Um dado a ser destacado é que somente 2,0% respondeu que utiliza de plantas medicinais por indicações da internet,

enquanto 14,6% e 12,6% utilizam por indicação baseada em evidências ou indicação médica, respectivamente. Isso demonstra que as pessoas estão buscando informações comprovadas para a utilização deste tipo de produto, a fim de utilizar de forma correta e evitar *fake news*. Na região Centro-Norte do Estado do Rio de Janeiro, somente 3,1% das pessoas dizem utilizar plantas medicinais por indicação médica, porém 65,1% das/os entrevistadas/os informaram que fariam a substituição de remédios alelopáticos por plantas medicinais em caso de indicação médica. Porém esta prática não apresenta alta aceitação entre profissionais de saúde, sendo que 41% destes não indicam terapias alternativas às/aos pacientes (VEIGA JUNIOR, 2008).

Foram listadas 77 espécies de plantas medicinais. Dentre estas, as espécies de maior destaque (citadas 10 ou mais vezes) estão apresentadas na Figura 1b. As outras 63 espécies foram citadas em menor frequência, porém não significa que não sejam importantes para a medicina popular, como por exemplo capim cidreira, erva baleeira, erva doce e barbatimão que apresentam eficiência comprovada no tratamento de diversas enfermidades. Vale destacar que diversas destas plantas citadas, encontram-se na Relação Nacional de Plantas Medicinais de Interesse ao SUS (RENISUS), reforçando a importância de maiores pesquisas com estas espécies, pois o interesse pelo SUS está em consonância com os interesses da população.

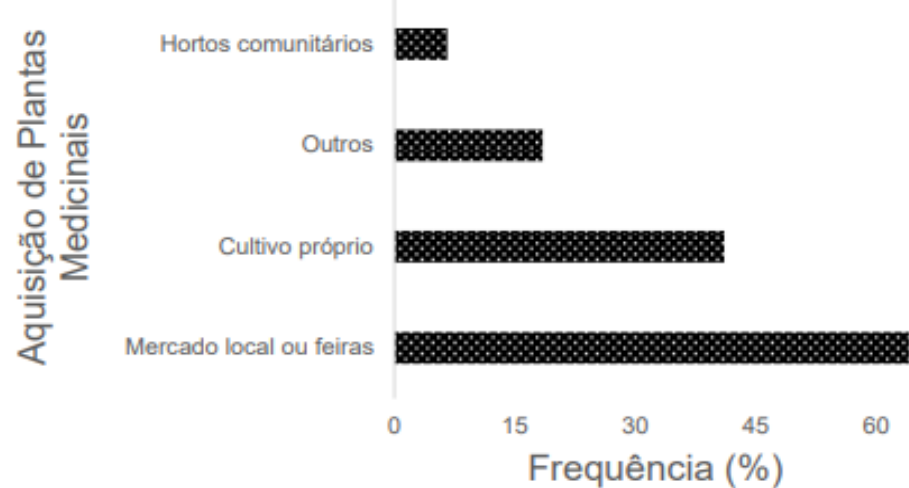
No artigo de revisão de Khan, et al 2021, eles abordam algumas plantas medicinais, que são utilizadas para o tratamento de doenças respiratórias causada por vírus, como a *Forsythiae fructus*, a utilização desta e demais plantas pode auxiliar nas diferentes frentes, como: no alívio dos sintomas (estas plantas possuem constituintes que ajudam na ação anti-inflamatória, broncodilatadora, expectorante, analgésica e antipirética), como também matéria-prima para medicamentos antivirais.

Figura 1. Frequência de consumo de Plantas medicinais (a) e espécies mais utilizadas pela população brasileira (b).

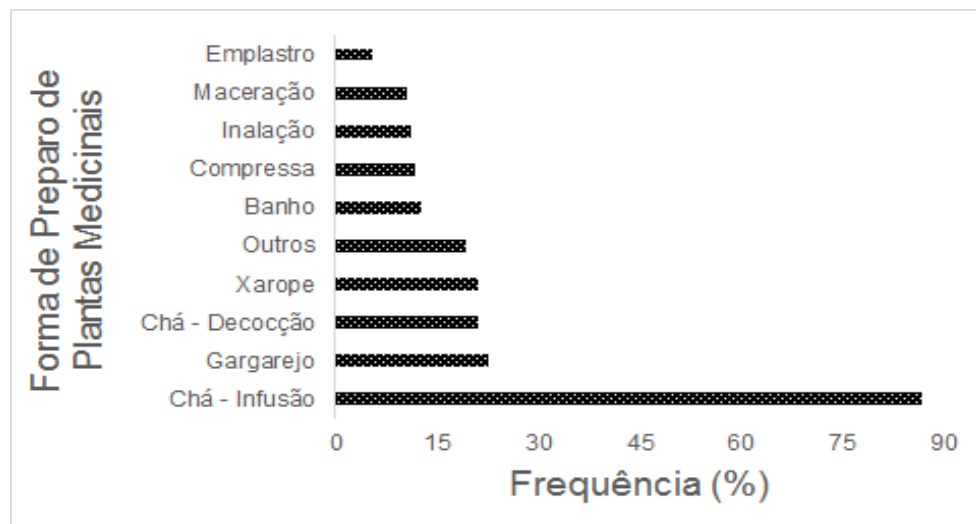


Em se tratando do modo de aquisição de plantas medicinais, foram apontados mercados locais e feiras (64,2%), cultivo próprio (41,1%), hortos comunitários (6,6%) e outros (18,5%) (Figura 2a). Desta forma, consideramos que a obtenção de plantas medicinais se deriva de diversos meios, sendo que estes não são excludentes entre si, uma vez que há uma variedade muito grande de plantas com possibilidade de utilização na medicina popular. Sabe-se que o uso de plantas medicinais pode ser feito por diversas formas e nesta pesquisa houve destaque para o uso na forma de chá - infusão (Figura 2b).

Figura 2. Formas de aquisição (a) e preparo (b) de Plantas medicinais.



(a)



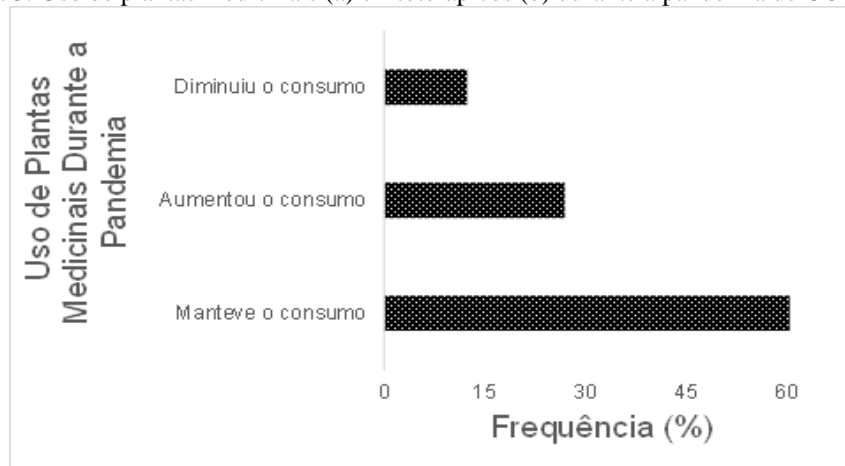
(b)

Em relação aos fitoterápicos, 50,3% das pessoas entrevistadas fazem uso de alguma forma, sendo que destes 15,9% têm frequência de uso de 6 a 7 vezes por semana. Diferentemente das plantas medicinais, a utilização de fitoterápicos está mais relacionada com a indicação médica (23,2%) quando comparado com indicação de amigos ou familiares (14,6%). Indicando que provavelmente tenha maior aceitação entre os profissionais da saúde, quando comparado ao uso de plantas medicinais. Dentre os fitoterápicos citados, houve diversos tipos como xaropes, óleos, florais, extratos, cremes, tinturas e cápsulas. Isso justifica o modo de aquisição que foi majoritariamente em farmácias (35,1%).

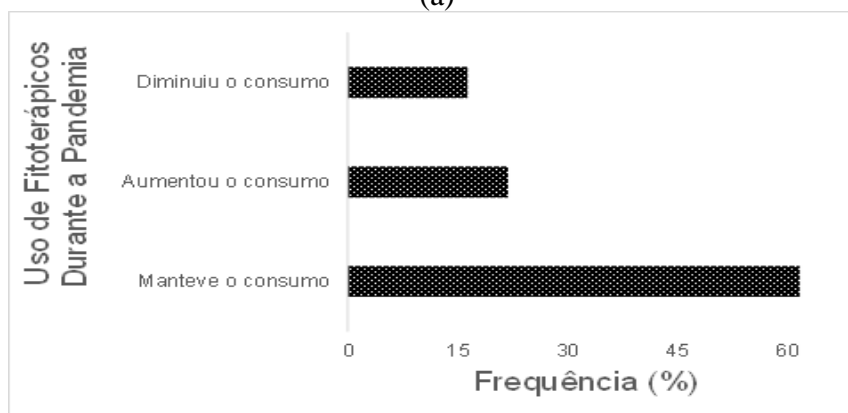
Durante a pandemia de COVID-19, foi detectado que 12,4% das pessoas diminuíram o consumo de plantas medicinais, enquanto 60,6% mantiveram e 27,0%

aumentaram o consumo neste período (Figura 3a). Enquanto que para produtos fitoterápicos, houve diminuição de 16,4%, manutenção de 61,7% e aumento do uso em 21,9% (Figura 3b). O aumento no uso pode estar relacionado com a necessidade em manter o sistema imunológico saudável, visando evitar a contaminação pelo vírus do SARS-COV 2. Conclui-se que a população faz uso de diversas plantas medicinais e produtos fitoterápicos e este consumo foi intensificado com a pandemia de COVID-19.

Figura 3. Uso de plantas medicinais (a) e fitoterápicos (b) durante a pandemia de COVID-19.



(a)



(b)

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001 e Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq – 141413/2019-0 e 140446/2020-6).

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. **A fitoterapia no SUS e o Programa de Pesquisa de Plantas Medicinais da Central de Medicamentos** / Ministério da Saúde, Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos, Departamento de Assistência Farmacêutica. – Brasília: Ministério da Saúde, 2006. 148 p.

BRUNING, M. C. R.; MOSEGUI, G. B. G.; VIANNA, C. M. M. A utilização da fitoterapia e de plantas medicinais em unidades básicas de saúde nos municípios de Cascavel e Foz do Iguaçu - Paraná: a visão dos profissionais de saúde. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 10, p. 2675-2685, 2012.

FELSENSTEIN, S.; HERBERT, J. A.; MCNAMARA, P. S.; HEDRICH, C. M. COVID-19: Immunology and treatment options. **Clin Immunol.**, v. 215, n. 108448, 2020.

KHAN, S.; SIDDIQUE, R.; SHEREEN, M.; ALI, A.; LIU, J.; BAI, Q.; BASHIR, N.; XUE, M. The emergence of a novel coronavirus (SARS-CoV-2), their biology and therapeutic options. **Journal of Clinical Microbiology**, 2020.

NUNES-PINHEIRO, D. C. S.; LEITE, A. K. R. M.; FARIAS, V. M.; BRAGA, L. T.; LOPES, C. A. P. Atividade Imunomoduladora das plantas medicinais: perspectivas em medicina veterinária. **Ciência Animal**, v. 13, n.1, p. 23-32, 2003.

VEIGA JUNIOR, V. F.; PINTO, A. C.; MACIEL, M. A. M. Plantas medicinais: cura segura?. **Quím. Nova**, São Paulo, v. 28, n. 3, p. 519-528, 2005.

QURESH, R. GHAZANFAR, S. A.; OBIED, H.; VASILEVA, V.; TARIQ, M. A. Ethnobotany: a living science for alleviating human suffering. **Evidence-Based Complementary and Alternative Medicine**. v. 2016, p. 1-3, 2016.

RENISUS. Relação Nacional de Plantas Medicinais de Interesse ao SUS. Plantas medicinais que apresentam potencial para gerar produtos de interesse ao SUS. Ministério da Saúde. Disponível em: <<http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/RENISUS.pdf>>. 2009.

VEIGA JUNIOR, V. F.; Estudo do consumo de plantas medicinais na Região Centro-Norte do Estado do Rio de Janeiro: aceitação pelos profissionais de saúde e modo de uso pela população. **Revista Brasileira de Farmacognosia**, v. 18, n. 02, p. 308-313, 2008.

ZENI, Ana Lúcia Bertarello; PARISOTTO, Amanda Varnier; MATTOS, Gerson and HELENA, Ernani Tiaraju de Santa. Utilização de plantas medicinais como remédio caseiro na Atenção Primária em Blumenau, Santa Catarina, Brasil. **Ciênc. saúde coletiva** [online]. 2017, vol.22, n.8 [cited 2021-02-05], pp. 2703-2712. Available from: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232017002802703&lng=en&nrm=iso>. ISSN 1678-4561. <http://dx.doi.org/10.1590/1413-81232017228.18892015>.